

# HISTÓRIA

## do Mês

n.º 49 | janeiro.19

**AS LENDAS DO CABO E  
AS ESTÓRIAS DE SÃO VICENTE**  
crenças populares recolhidas em Sagres,  
no ano de 1894, por José Leite de Vasconcellos



foto: Ricardo Soares

**CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO**



Município  
**Vila do  
Bispo**

## AS LENDAS DO CABO E AS ESTÓRIAS DE SÃO VICENTE crenças populares recolhidas em Sagres, no ano de 1894, por José Leite de Vasconcellos

**José Leite de Vasconcellos** (1858-1941), notável linguista, filólogo, etnógrafo e arqueólogo, legou-nos, na viragem para o século XX, uma extensa obra, de ímpar significado, cujo expoente máximo terá sido a fundação, em **1906**, do **Museu Nacional de Arqueologia**, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.

Entre os seus numerosos e bastante diversificados trabalhos científicos destacamos, no presente contexto, *Religiões da Lusitânia*, a mais celebrada e elaborada das suas obras, editada em três volumes que ganharam estampa em **1897**, **1905** e **1913**, respetivamente.

No âmbito dos seus trabalhos de recolha etnográfica também rumou a Sul, visitando Sagres, em **1894**, na busca de lendas associadas ao secular misticismo do Cabo de São Vicente. Na primeira pessoa, aqui transcrevemos as suas sensações pessoais e alguns relatos registados junto da comunidade local de então:

*«O Sacro Promontorio, que penetra pelo mar dentro, e cuja solidão só é interrompida pelos rugidos tristes e monotonos das ondas, sitio arido, onde a vida mal desponta em plantas rasteiras»* (Vasconcellos, 1905, p. 210).

*«Com o fim de saber se no Cabo de S. Vicente ou em Sagres corria hoje alguma lenda ou superstição popular que pudesse relacionar-se com os factos constantes da narrativa de Artemidoro, fui lá em Março de 1894, e não perdi as passadas»* (Vasconcellos, 1905, p. 205).

Antes da viragem para a nossa Era, na última década do século II a.C., o geógrafo grego Artemidoro de Éfeso visitou, pessoalmente, a Península Ibérica e a sagrada finisterra do Sudoeste, sendo autor de uma *Geographia* tida como perdida. O conhecimento da obra de Artemidoro chegou-nos pela mão de outros autores antigos, posteriores, que a ela, direta ou indiretamente, aludiram ou dela rebuscaram notícias, nomeadamente o grego Estrabão (63/64 a.C.-24 d.C.) e o latino Rufio Avieno (século IV d.C.).

Chegado ao Cabo, Leite de Vasconcellos regista as seguintes observações:

*«No extremo do Cabo, perto do pharol e das ruínas do convento de S. Vicente, ha varios monticulos de pequenas pedras, que o povo chama “moledros” e “melédros”, i. é, “moledos”,*

dizendo mesmo “um moledro de pedras”. A proposito d’esses “moledros” colhi da bôca do povo as duas seguintes noticias:

- a) quando se leva do “moledro” uma pedra, e se deixa num sitio, ahi a pedra anoitece e não amanhece: i. é, vae-se de manhã ao sitio em que á noite se deixou a pedra, e esta já lá não está, e reaparece no “moledro”; é D. Sebastião quem de noite retira a pedra para o “moledro”.
- b) quando se leva do “moledro” uma pedra, sem ninguem saber, e se colloca debaixo do travesseiro, apparece lá ao outro dia um soldado, que logo desaparece, para ir outra vez, já transformado em pedra, colocar-se no “moledro”» (Vasconcellos, 1905, p. 205).

No seguimento destes relatos, integrados no volume II da obra *Religiões da Lusitânia*, Leite de Vasconcelos refere que «as pedras são verdadeiros objetos mágicos». Sem dúvida! Não poderíamos estar mais de acordo. Tal observação adequa-se na perfeição à região de Sagres, onde, desde os mais remotos tempos da Pré-história, as comunidades locais investiram as pedras de poderosas significâncias mágico-religiosas, marcando as paisagens neolíticas com monumentos megalíticos... os menires!

Ainda hoje, nas conspícuas paisagens do extremo sudoeste da Europa Continental, na Ponta de Sagres e no Cabo de São Vicente, as pedras conservam uma valorização simbólica e espiritual, ‘petrificada’ numa expressão cujo autor se desconhece: «Feliz de quem tiver uma pedra em Sagres».

São inúmeros os viajantes, oriundos dos “quatro cantos do Mundo”, que tendem a assinalar a sua jornada ao “fim do Mundo” de Sagres colocando mais uma pedra nos numerosos e visualmente ruidosos montículos que conspurcam a beleza natural destas nossas incríveis paisagens. Trata-se, pois, de mais uma nefasta moda, como a dos ‘cadeadozinhos’ pendurados em monumentos de todo o Mundo, a global materialização do inevitável impacto da “Indústria Turística”, desta feita inspirada nos auspiciadores totens de pedras erguidos por quem sobe ao Monte Kailash, nos Himalaias.

Na verdade, há muito que o Homem recorre a pequenos montículos de pedras, designados de “mariolas” ou de “malhões”, para marcar os seus trilhos de transumância, enquanto marcadores na paisagem para pastores e outros caminhantes. Também a *Land Art* recorre à pedra como prima-matéria de criação artística em naturais suportes paisagísticos.

Sobre Sagres e o seu Cabo, Leite Vasconcelos lega-nos mais alguns interessantes depoimentos recolhidos junto da comunidade piscatória de então:

«Entre Sagres e o Cabo de S. Vicente, na Praia do Direito, apparecem medos e “pantasma”.

Varias pessoas m’o asseveraram, quando lá estive em 1894. Um rapaz, pescador, muito sincero,

*contou-me que viu elle mesmo um militar na praia a passear, de grande pera, espada, e listas azues nas calças: este militar estava encantado. Viu elle e viram os outros barqueiros que iam no mar [...]. Tambem o mesmo pescador me disse que se conta que mesmo de dia andam na praia mulheres “descarapuçadas”, - “pantasma”, - e Moiros. Á noite vêem-se em seu logar luzes a vaguearem da mesma maneira. - Outros pescadores informaram-me de que ha lá uma gruta onde a “companha” [grupo de pescadores] ia dormir. Um dos da companha acordou de noite com um “pesadelo” sobre as pernas, a pesar-lhe muito; gritou, acordou os restantes da companha, mas só elle é que viu. Toda a companha depois fugiu d’alli. Um dia um pescador mais animoso quis experimentar, e foi lá dormir com varios companheiros: de noite acordou com o mesmo pesadelo, mas tambem só elle o viu; levantou-se, puxou o barco, e escapou-se. - Uma pessoa de Sagres disse-me que os medos apparecem em fórma de gallinholas por alli pela praia. - Em Beliche Velho dizia-se d’antes que se via ás vezes lá, de noite, a qualquer hora, “uma fantasma”, vestida de branco, que “antemorizava” todos; quem a via, fugia-lhe. Estes factos já hoje não se observam. - Em S. Vicente assevera-se que, logo que anoitece, apparecem por alli uns medos, “umas cousas brancas e outras pretas”, com grandes meias encarnadas, e luzinhas na mão; e ouve-se a distancia uma musica surda, que se extingue pouco a pouco, lentamente, á proporção que as luzinhas vem lá de longe, dos matos para a praia» (Vasconcellos, 1905, p. 207-208).*

Segundo informações recolhidas no dia 03 de dezembro de 2018, junto de alguns dos pescadores de Sagres, a “Praia do Direito” situa-se no extremo poente da Praia do Beliche. Entre a Praia do Direito e o Forte do Beliche (Forte de Santa Catarina para as gentes locais), de frente ao “Rei de Cavaleiros” e à “Lajinha”, surge uma área que permite o abrigo e o fundeadouro de embarcações em condições adversas de nortada, designada pelos os pescadores locais como o “Mar de Sono”.

Outra das lendas oportunamente registadas em Sagres por Leite de Vasconcelos é a do “dedinho” de São Vicente:

*«Segundo a crença popular, o “leixão” ou “linxão de S. Vicente”, tambem chamado “O Gigante”, estava primitivamente pegado ao Cabo: S. Vicente ia sentar-se no logar em que hoje ha uma capella de frente, enfastiou-se de o ver alli, e foi com o dedo “mêminho”, i. é, meudinho ou minimo, e atirou-o ao mar; mas o dedinho quebrou-se-lhe, e constitue hoje uma reliquia ou “arrelique” da igreja de Villa do Bispo. Ainda agora se mostra na praia o buraco correspondente ao sitio do leixão. S. Vicente tinha dois “corvinhos” comsigo» (Vasconcellos, 1905, p. 214-215).*

A referência aos “corvinhos” remete para uma espécie de ave corvídea, mais pequena que o corvo e muito mais frequente na área de Sagres... a gralha! Entre as subespécies de gralha que frequentam e residem no território de Sagres, destaca-se a gralha-de-bico-vermelho, a gralha-de-nuca-cinzenta e a gralha-comum. Segundo o jornal *O Seculo*, edição do dia 23 de janeiro de 1903, no pátio da Sé de Lisboa alimentavam-se dois corvos, associados à lenda de São Vicente e às armas heráldicas da Capital. Quando os corvos morriam eram substituídos por novos exemplares.

Relativamente ao suposto “dedinho” de São Vicente, em causa um pequeno osso (falange) de dedo humano que se encontra, atualmente, num relicário do século XVI depositado na Igreja Matriz de Vila do Bispo, consagrada a Nossa senhora da Conceição. Anualmente, no dia 22 de janeiro, o Dia de São Vicente, este relicário percorre as ruas da Vila do Bispo na procissão de São Vicente, santo padroeiro do Concelho de Vila do Bispo, da região do Algarve e da cidade de Lisboa, capital de Portugal.

Conta a tradição religiosa que Vicente de Saragoça foi martirizado em Valência, no ano de 303-304, na sequência de uma perseguição aos cristãos ordenada pelo Imperador Romano Diocleciano, comandada, na província da Hispânia, pelo governador Públio Daciano. Segundo a lenda, o corpo terá sido abandonado num descampado, onde corvos o protegeram do ataque de feras. Para se livrarem do corpo, os soldados amarraram-no a uma mó de pedra e jogaram-no ao mar, porém, o cadáver flutuou até à costa. O milagre foi sentido pelos cristãos de Valência que decidiram recuperar o corpo, sepultando-o na catedral da cidade. Quatrocentos anos depois, em 711, por receio da invasão islâmica do Califado Omíada, as relíquias de São Vicente foram, então, trasladadas para um local mais seguro, nos confins da costa sudoeste da Ibéria, no *Promontorium Sacrum*, na finisterra de Sagres.

Segundo as fontes árabes e cristãs, entre o século VIII e o século XII, algures no Promontório Sagrado terá existido um templo, entretanto desaparecido, dedicado ao culto de São Vicente, a *Kanisat al-Gurab*, para os muçulmanos, ou Ermida do Corvo, para os cristãos, há época um dos santuários mais concorridos nas rotas de peregrinação moçárabe da Península Ibérica. Mais tarde, em 1173, o 1.º Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, patrocina uma nova trasladação das relíquias do mártir, desta feita para a Sé de Lisboa, transitando, finalmente, para o Mosteiro de São Vicente de Fora.

Texto de Ricardo Soares  
arqueólogo, Câmara Municipal de Vila do Bispo

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) - *Religiões da Lusitânia*, I. Lisboa, Imprensa Nacional.  
VASCONCELLOS, José Leite de, (1905) - *Religiões da Lusitânia*, II. Lisboa, Imprensa Nacional.  
VASCONCELLOS, José Leite de, (1913) - *Religiões da Lusitânia*, III. Lisboa, Imprensa Nacional.

